

# AS CROSTAS DO SOL

Robert Grélier



EDITORA INDEX — EDITORA MASSANGANA

CONSELHO EDITORIAL

Embaixador Antônio Houaiss  
Frans Krajcberg  
Embaixador Marcos De Vincenzi  
Comandante Max Justo Guedes  
Sérgio Bernardes

EDITORES RESPONSÁVEIS

Cristina Ferrão e José Paulo Monteiro Soares

© Robert Grélier Paris, 1994

para os textos e ilustrações (xilografuras, fotografias e fotolitos)

© Universidade Federal do Ceará

para a tradução em língua portuguesa

Direitos reservados para as xilografuras.

Todos os direitos de reprodução, adaptação, tradução e representação dos textos e ilustrações reservados para todos os países.

Título original "Les Écorces du Soleil"

Tradução de Martine Kunz e Teresa Maria Frota Bezerra

Concepção de Robert Grélier  
Projeto Gráfico, Marta Heilborn  
Revisão Nildon Ferreira

EDITORA INDEX LTDA.

Av. Rio Branco 45/ 1707 • Rio de Janeiro • RJ • Brasil

Tel: (021) 516 2336 • Fax: (021) 551 9391

A Editora Index agradece aos Hoteis:



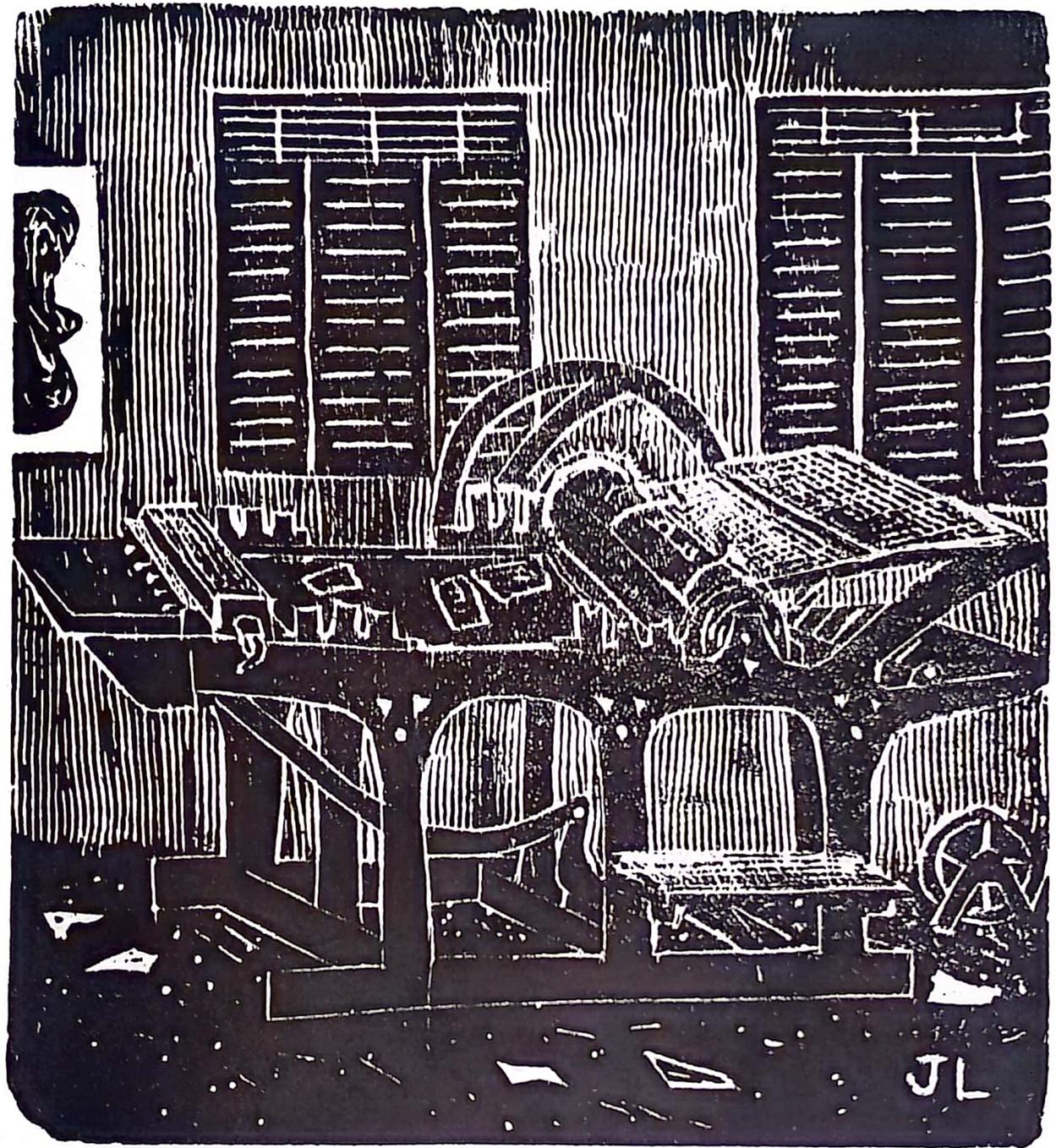
EXECUÇÃO:

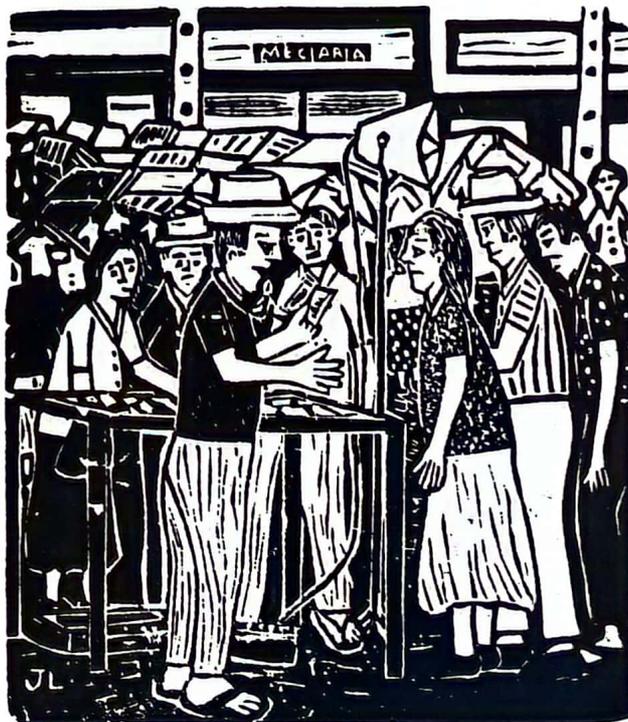
 **GRÁFICA  
MAIADOURO, S.A.**

Rua Padre Luís Campos, 686 - Vermoim - Apart. 1006 - 4471 MAIA Codex  
Telef. (021) 948 02 45 / 88 05 / 88 30 P.P.C.A. - Telefax (021) 948 77 07

Janeiro 1995  
Tiragem 1000 ex.  
Depósito Legal N.º 85 946/95  
ISBN N.º 85/7083/044/0







## Eu canto o contador de histórias.

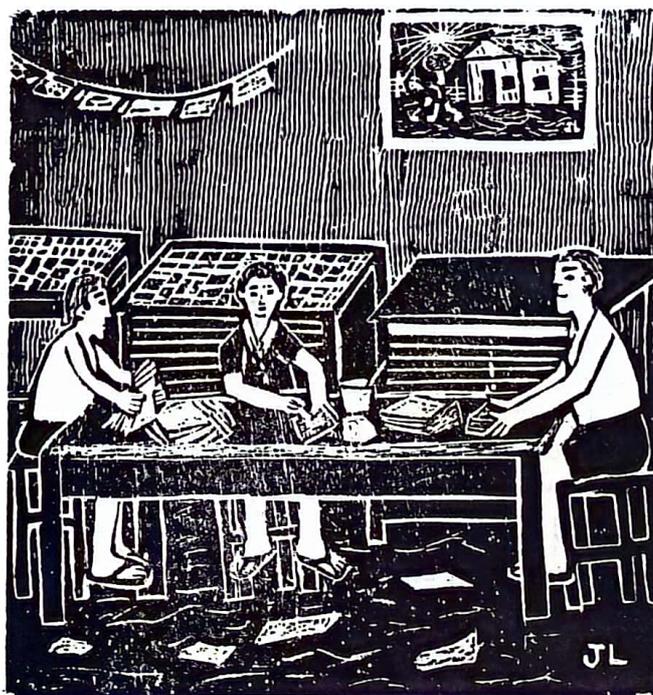


Tudo começa como uma história sem importância. Um fato ou um incidente que logo é esquecido. Todos os que ousaram investigar a origem, por falta de documentos precisos e repertoriados, interpretam, julgam. Sob as pálpebras da memória se desfaz a paisagem da escrita. Os dedos manchados de tinta. Entre luz e sombra. Entre o branco e o preto. Entre o bem e o mal. Entre o masculino e o feminino. Entre o touro e o cavalo alado. O primeiro folheto tinha nascido quando apareceu a gravura. A xilogravura apertada, impressa sobre capas de papel de má qualidade, amareladas pelo tempo, nem por isso perdia sua força. Muito pelo contrário, conseguia dizer outra coisa além das palavras, dos prantos petrificados da noite, diversificava-se, e vestindo os molambos de uma velha dançarina, já se imaginava conquistada. Duelando com seus adversários obsequiosos, não temia o confronto. Lutou. Até o dia em que ultrapassou seus limites e se instalou nos muros gelados de ar condicionado, ela que só conhecia o calor empoeirado das feiras, e das casas de taipa. Uma vez descoberta, ela foi louvada, emoldurada e respeitada. Fora reconhecida. Estava surpresa com tantos elogios súbitos, depois saiu na ponta dos pés para não perturbar o sono do povo da cidade. Desse encontro ela saiu empobrecida e arruinada. Nunca se refez. Sobreviveu, numa desordem de escombros e desprezo, unicamente para o prazer dos que a amavam. Abandonando suas roupas pretas, nas reservas dos museus, se enfeitou com o azul da água sonolenta, e o verde oxidado.



## Eu canto o sol aturdido, urdido.

Arquiteto, urbanista, arqueólogo, geômetra, historiador, músico, cantor, relojoeiro do tempo, médico da alma e do corpo, cirurgião do tecido social, escrivão público, fabricante de imagens, publicitário, teólogo, político, alquimista do verbo, polemista, ativista, poeta, contador de histórias, ecologista de ocasião, o xilógrafo é um visionário deslumbrado. Desafiando as perspectivas, a prospectiva, a imagem invertida da qual desconfia, reconstitui o universo, peça por peça, projeta em seu discurso sobre o homem as arestas vivas da civilização, termo genérico para designar o progresso. A cada traço, a cada palavra, a cada paisagem sua quota de tinta. Os dias brancos se sucedem sobre o quadro negro da madeira e propõem um desafio singular ao observador.



## Eu canto o sol por sobre um caminho enegrecido de cinza.

"A arte não reproduz  
o visível, torna visível".

Paul Klee

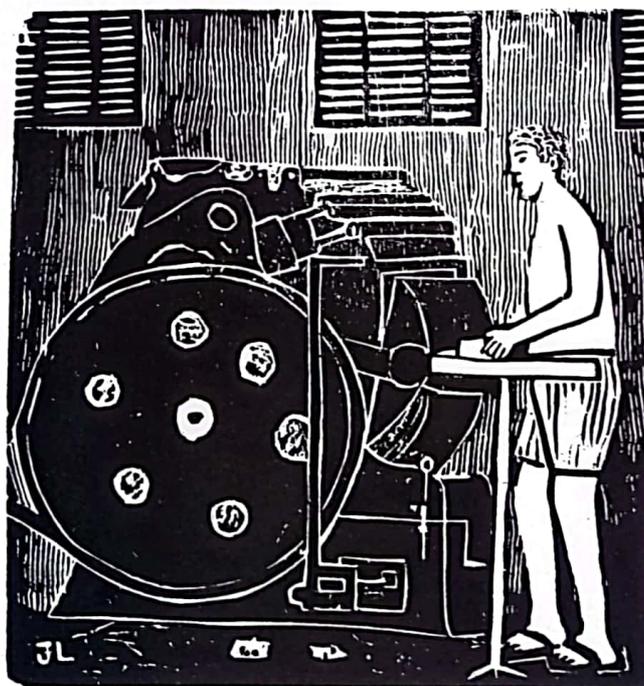
Quatorze praias. Quatorze luzes de um Deus entre a cruz e a caldeirinha, esclarecendo as dúvidas da morte. Morcego amputado, ainda mais amedrontado com a claridade, vivendo seus últimos momentos. De lábios abertos e com os olhos fixos numa terra fecunda, sonhada a cada passo, ele indica o caminho a seguir, como o fizeram os sinais imaginados há quase dois mil anos. Uma marcha interrompida pela sombra, mas alimentada de otimismo e de coragem. Inteiramente voltado para o possível, Cristo não pára. Paciente e determinado como um geômetra de poucas queixas, como um grande mestre do espaço e do tempo, ele sabe que só as certezas do além, bebidas nos catecismos da infância porosa, são os melhores perdões. Insensível à dor, o Cristo distribui indulgências, mesmo aos que não lhe pedem. Ele pensa que não é necessário esperar para agir, nem ter sucesso para perseverar. Outros em seu lugar, seus discípulos, se encarregarão de convencê-lo. Renunciando para sempre a desempenhar o papel de vítima maldita, ele se manifesta a favor da justiça, aceitando que a força seja a lei do mundo, se satisfazendo com as regras ambivalentes do jogo, determinadas por seus juízes. Esperando o nascer da estrela matutina. Cometa insensato, sempre insatisfeito com o percurso que lhe é imposto.



Eu canto o sol do esquecimento,  
da terra respeitada.

Ontem, era bom viver junto a uma máquina sem fôlego de tanto trabalhar. Barulhenta como um atabaque. Não se tinha tempo de esperar. Logo após um trabalho, era preciso se lançar a outro, ainda mais ambicioso que o da véspera. Mais urgente que o dia seguinte. E assim por diante. A sucessão dos dias, das estações para não pensar.

Hoje é diferente, as coisas mudaram muito. Os clientes estão ficando raros. Aos que restam, colecionadores, arqueólogos da cultura popular, universitários interessados, os xilógrafos não sabem o que fazer para agradar. Então, a gráfica testemunha de um passado glorioso está abandonada. Recuperada, lubrificada, é reativada por alguns intrépidos aventureiros, últimos defensores de um patrimônio, debulhadores das lembranças da última tipografia.



## Eu canto o sol magma de cascalhos esquecidos.



O xilógrafo sabe tirar partido das limitações da prancha de madeira; acidentes provocados pela derrapagem de um instrumento, muito bem afiado, curvas tremidas e ziguezagueantes, tinta fora dos riscos, agressão de um preto muito violento e de um branco mal definido, fendas com arestas indefinidas. Cada lasca de madeira arrancada à prancha denuncia o autor. Homem exaltado ou calmo. No momento preciso em que a faca penetra nas fibras o xilógrafo mede a incandescência de seu trabalho, semelhante à queimadura de dez mil sóis. Sempre o sol, sempre a terra que se esquiva, e a luminosidade que desliza de uma ponta à outra da prancha. As manchas negras reveladas pela cor: amarelo acidulado, ocre luminoso, vermelho profundo, cinza azulado, verde intenso, laranja matinal, azul noite, azul suave. As formas, de cores cruas, contrastadas, se cruzam e entrecortam.







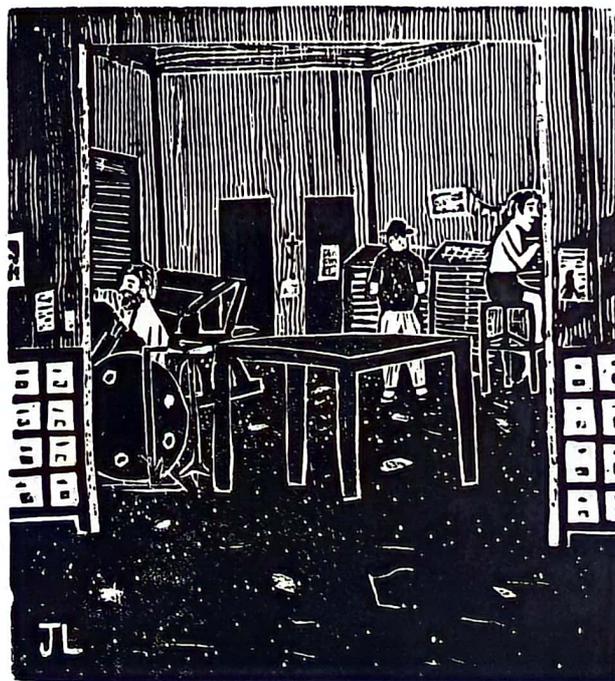
Rima e métrica transformaram a notícia em poema. O personagem sabido abre uma gaveta e não encontra nada. Foi tudo vendido ou não se publica mais aquele folheto? Onde se perderam essas histórias? Em que fio se enredam as narrativas que são tecidas agora?

Quando os clichês de zinco demoravam a chegar das capitais, as capas eram encomendadas aos artistas de Juazeiro. Que passaram a cortar na madeira, dragões, cangaceiros e beatos, reforçando uma iconografia na ponta do canivete, na haste do guarda-chuva e na faca de cortar fumo. Nosso personagem astuto começa a ganhar contorno nos sulcos da umburana. As veias da madeira se enchem de tinta. Tira-se a cópia da triste figura que ri, debochando de nossa perplexidade. E tem consciência de que um dia vai se perder numa gaveta e amarelecer como o papel. Mas pode ressurgir na memória e se tornar álibi para novas histórias.

Homens e máquinas trabalhavam mais e mais. Os folhetos se acumulavam. Os leitores esperavam, ávidos, pelos lançamentos. As manufaturas da região passaram a utilizá-los como suportes de mensagens publicitárias: cachaças, cigarros, doces e fogos de artifícios. Cujos rótulos, cortados pelos mesmos xilógrafos das capas, eram impressos na mesma Tipografia São Francisco.

E porque era preciso rodar as máquinas e ocupar todos os nichos do mercado, os poetas se tornaram astrólogos. E traçaram horóscopos prevendo o futuro. Teriam previsto o declínio da tipografia? E os editores incorporaram a seu acervo os almanaques, tesouros da sabedoria popular que difundiam no sertão rudimentos de ciência. José Bernardo imprimiu o mais importante deles: o Almanaque de Pernambuco, de João Ferreira de Lima.

Padre Cícero, que abençoara a tipografia, tornara-se personagem. Um bando de cangaceiros fazia vigília nas noites de insônia. Em volta da mesa, as pessoas





trabalhavam e contavam histórias. Por isso não viram o tempo passar. As máquinas deram os primeiros sinais de emperramento. As caixas de tipos estavam incompletas. As traças ameaçavam as folhas de papel. As histórias começaram a se apagar da memória.

No final dos anos 50 se falava muito em desenvolvimento. O progresso significava máquinas novas e a manufatura passava a ser índice de atraso. Acenavam com fábricas e chaminés. Números e índices se transformaram em gráficos. O rádio se vulgarizava com o transístor e amplificava pelejas e repentes com o cantador a narrar outras façanhas. Nosso personagem tinha direito a voz, anasalada. Com a televisão ele ganhava um rosto e ação. Só que é outro o imaginário com que trabalha a mídia eletrônica. As vendas dos folhetos despencavam. A rede de comercialização se esfacelava. Os poetas teimosos ainda versejavam. E os xilógrafos imprimiam imagens da Via Sacra, cenas da História Sagrada e estampas de Padre Cícero.

No início dos anos 70, José Bernardo morreu, sem preparar um sucessor. A empresa familiar dava sinais de decadência. A filha Maria de Jesus tentava injetar algum ânimo. Mas não estava preparada para tocar a tipografia. Os tempos mudaram, as relações sociais se deterioravam e o mercado se retraía. Tentava-se, desesperadamente, manter um ritmo de atividades. E a tipografia, agora Lira Nordestina, era vendida, no início dos anos 80, ao Governo do Ceará. Os títulos deixaram de ser reimpressos. Os conflitos se aguçaram. O público podia comprar folhetos com capas coloridas, como a televisão, vindos de São Paulo. A perspectiva de uma indústria cultural popular se rompia. O personagem *Amarelinho* sentia-se vingado, mesmo sabendo que cairia no esquecimento.



Hoje as máquinas rangem num lamento de dor. Que os poetas não conseguem traduzir em palavras. E que os xilógrafos não cortam mais na madeira. E que os astrólogos não foram capazes de prever.

Faltam tipos na caixa para compor essa história nada exemplar. A impressora Alauzet é peça de museu. As gavetas deixaram de ser mostruários. Já não se estoca papel nem tinta. Poucas pessoas trabalham. Jovens repetem histórias que lhes foram contadas, de um tempo de fausto. Resta a habilidade, o amor e o sonho sempre adiado de retomar um ritmo de produção. O velho poeta rabisca uma história que não será impressa. As xilos estão agora nas galerias, museus e nas paredes dos colecionadores. O tempo se arrasta na última tipografia. O personagem debochado não disfarça a emoção e fecha as páginas de um folheto que nunca será lido. E vai embora.



## Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas e instituições que deram sua colaboração para a realização desta obra e, mais particularmente:

- A Cosme Alves Netto e José Carlos Avellar, cuja ajuda efetiva, alimentada por trinta anos de amizade, me permitiu descobrir o Brasil; Catherine Aubertin, François Blanchard, Gilbert Bougnol, Yves Cabannes, Fernando Cacciatore de Garcia, Pierre Calame, Jacques Chevallier, Ciro, Hervé de Bussac, Vladimir Carvalho, Gilmar de Carvalho, Claude Eveno, Marie-Hélène Fraïssé, Martine Kunz, Jean-Pierre Lafosse, Claire Lapeyre, Paulo Linhares, José Lourenço Gonzaga, Maria-Teresa Bolan Rojas, Yvette Maréchal, Jean-Yves Merien, Wladimir Murtinho, Hélène Nikles, Danielle Perin Pitta Rocha, Raymond Petit, Henri Rouillé d'Orfeuill, Claudio Pereira, Jacques Roze, Michel Sauquet, Mario Souto Maior, Marcos de Souza Mendes, Sérgio Barcellos Telles.

- A Embaixada da França em Brasília.

- A Geraldo Sarno, colecionador da maior parte dos folhetos reproduzidos aqui.

- A Liêdo Maranhão, por sua confiança ao nos emprestar algumas peças raras de sua coleção, e cujo trabalho pioneiro e pesquisa sobre a xilogravura nordestina nos permitiu escrever *Com os dedos manchados de tinta*.

- À equipe do GRET - Groupe de Recherche et d'Échanges Technologiques (Grupo de Pesquisa e Intercâmbio Tecnológico de Fortaleza).

- Ao Ministério das Relações Exteriores (da França) - Cooperação Cultural e Científica.

- Ao Consulado da França em Recife.

- Ao Secretário de Cultura do governo brasileiro, ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil, à Fundação Cultural da Prefeitura de Fortaleza, à Fundação Joaquim Nabuco de Recife, à Universidade Federal do Ceará, à Gráfica Lira Nordestina de Juazeiro do Norte.

- À Fundação para o Progresso do Homem que desde o início, nos deu seu apoio.